

Rosa, Rute. 2018. “A ordem do expor e a ordem do narrar nos textos de divulgação científica”. In Gonçalves, M. & Jorge, N. (coord.), *Literacia científica na escola*. Lisboa: NOVA FCSH-CLUNL. <https://drive.google.com/file/d/1I3hF05jjiSahm9RWHmOpKz5-JGcBBP44/view>

Rosa, Rute; Ricciardi, Natalia; Gonçalves, Matilde. 2019. “O papel do graffiti na construção do poder: um estudo comparativo Portugal / Argentina”. In M. A. Marques e S. Guimarães de Sousa (eds.), *Linguagens de Poder*. 1.ª ed. V. N. Famalicão: Edições Húmus, pp. 263-281. ISBN 978-989-755-430- 8.

Rosa, Rute. 2020. *A noção de padrão discursivo: textos e géneros em análise*. Tese de Doutoramento em Linguística. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade NOVA de Lisboa. <http://hdl.handle.net/10362/97668>

Silva, Paulo Nunes da. 2016. “Género, conteúdos e segmentação: em busca do plano de texto”. *Diacritica*. Revista do centro de estudos humanísticos, série ciências da linguagem, n.º 30/1, 44: 181-224. http://ceh.ilch.uminho.pt/publicacoes/Diacritica_30-1.pdf

Tomaél, Maria Inês; Alcará, Adriana Rosecler; Di Chiara, Ivone Gerreiro. 2005. “Das redes sociais à inovação”. *Ciência da Informação*, 34(2): 93-104. <https://dx.doi.org/10.1590/S0100-19652005000200010>

Voloshinov, Valentin Nikolaevich. [1929] 1977. *Le marxisme et la philosophie du langage*. Paris: Minuit.

LINGUAGEM E GÉNERO: UMA ABORDAGEM EXPLORATÓRIA DA CONFIGURAÇÃO LINGUÍSTICA DA ENUNCIÇÃO DE MULHERES EM POSIÇÃO DE DESTAQUE

CAROLINA DA COSTA JOAQUIM

NOVA FCSH/CLUNL

Resumo: Este artigo pretende dar conta de uma faceta pouco explorada, sobretudo em Portugal, no que respeita aos estudos sobre a mulher: a relação entre a problemática das mulheres e a linguagem. A este respeito, no âmbito dos estudos feministas, podem destacar-se pontos de vista que sustentam a hipótese de uma “escrita de mulheres” (Collin 1981) ou mesmo de uma linguagem “feminina”, em que o discurso de uma mulher “implica investimento da pessoa toda” (Pintasilgo 1981, 1988). A análise que se apresenta pretende atestar se, da perspetiva linguística, essas premissas encontram algum fundamento, propondo-se analisar o modo como as mulheres, enquanto instâncias produtoras em posição de destaque, se representam linguisticamente – ou seja, se a tendência é (ou não) para um *discurso implicado*.

A análise orientou-se pelos pressupostos teórico-metodológicos do Interacionismo Sociodiscursivo, tendo como suporte o conceito de *folhado textual* (Bronckart 1999, 2006, 2008), especificamente no que respeita à camada que integra os instrumentos que permitem aferir o grau de implicação no texto: os *tipos de discurso* e, conseqüentemente, os mecanismos de implicação.

Para a análise, extraíram-se quatro textos de um *corpus* amplo, que configuram discursos políticos de tomada de posse, com o intuito de localizar marcas linguísticas que permitam verificar como se distribuem e orquestram os *tipos de discurso* no texto; como determinam o grau de implicação das instâncias produtoras femininas; e quais as implicações desses mecanismos para a construção e configuração da enunciação de mulheres, numa lógica (social) de género.

Esta análise constituiu uma abordagem exploratória. Não obstante, as conclusões provisórias, ainda que carecendo de um estudo comparativo, são significativas: com efeito, tendo sido atestados diferentes posicionamentos enunciativos, o facto de se observarem valores altos, relativamente às formas de implicação, faz prever a possibilidade de se confirmar a forte e atestada implicação da instância produtora feminina no texto.

Palavras-chave: Mecanismos de implicação, Tipos de discurso, Linguagem, Mulheres, Posição de destaque.

Abstract: The purpose of this article is to focus on something that isn't explored yet, especially in Portugal. This study concerns the relation between women and language. In this regard, within the scope of feminist studies, some points of view can be highlighted to support the hypothesis of a “women's writing” (Collin 1981) or even a “female” language in which a woman's speech “implies the investment of the whole person” (Pintasilgo 1981, 1988).

The analysis that is presented intends to prove whether from the linguistic perspective these premises have any basis, proposing to analyze the way in which women, as producing bodies in a prominent position, represent themselves linguistically – that is, if they have a tendency (or not) for an implied speech.

The analysis was guided by the theoretical-methodological assumptions of Sociodiscursive Interactionism, based on the concept of textual sheet (Bronckart 1999, 2006, 2008), specifically to the layer that integrates the tools that allow the access to the degree of implication in the text: the types of discourse and, consequently, the mechanisms of implication.

For analysis, four texts were extracted from a broad corpus that configure political speeches of inauguration, in order to locate linguistic marks that allow to verify how the types of speech are distributed and orchestrated in the text; how the degree of involvement of the female producing bodies are determined; and what are the implications of these mechanisms for the construction and configuration of the enunciation of women, in a (social) gender logic.

This analysis constituted an exploratory approach. Nevertheless, although they are lacking a comparative study, the provisional conclusions are significant: in fact, having attested to different enunciative positions, the fact that high values are observed, in relation to the forms of implication, makes it possible to foresee the possibility of confirming the strong and attested implication of the female producing body in the text.

Keywords: Mechanisms of implication, Types of discourse, Language, Women, Prominent position.

1. Introdução

A par dos trabalhos desenvolvidos sobre a mulher que assentam, sobretudo, em traçar os percursos dos feminismos no devir histórico, social e político (Tavares, 2011), existe, ainda, uma lacuna por preencher, nomeadamente em Portugal, no que respeita aos estudos sobre a mulher e sua relação com a linguagem. A mulher e a sua atividade ganham simbolismo a nível histórico, social e humano, desconstruindo a ideia de que só os homens ascendem a cargos e posições de destaque em vários sectores sociais. No contexto português, o questionamento do papel das mulheres na sociedade moderna tem vindo a ganhar “voz”, sendo elas próprias responsáveis pela reivindicação de uma (re)formulação da sua imagem. Esta reivindicação é (re)construída na e pela linguagem.

Este artigo propõe, nesse sentido, uma abordagem linguística – com a análise de textos a partir de ferramentas linguísticas específicas - que tenha como ponto de partida as mulheres e o discurso; pensando-se que a problemática das mulheres encontra na vertente textual e discursiva novas perspetivas de ver, pensar e liderar (n)o feminino, sendo o texto um veículo transformador da sociedade, responsável pela construção da imagem do eu e, portanto, o ponto de partida para pensar e representar as mulheres, contribuindo para a questão da (in)visibilidade do género na sociedade portuguesa contemporânea.

A este respeito, no âmbito dos estudos feministas, podem destacar-se pontos de vista que sustentam a hipótese de uma “escrita de mulheres” (Collin, 1981) como escrita específica que emana das mulheres ou mesmo de uma linguagem “feminina”, particularmente eufemística, com fórmulas desviantes, que fala das coisas concretas da vida, como sublinhou Maria de Lourdes Pintasilgo na sequência dos contributos dos movimentos feministas dos anos 70 e 80 do século passado. Nesta mesma perspetiva, a autora sustenta que o discurso de uma mulher “implica investimento da pessoa toda”, pelo que “(...) ouvir falar uma mulher do seu lugar de mulher é ver desdobrar diante de nós todo o universo que ela evoca” (Pintasilgo, 1981, 1988). Para aferir se efetivamente se pode equacionar uma nova perspetiva do género a partir de uma abordagem linguística e que permita, como sublinha Pintasilgo, falar de um discurso que resulta da implicação desse investimento, apresenta-se uma análise que pretende verificar se a mulher, enquanto instância produtora em posição de destaque (social), tem tendência (ou não) para um *discurso implicado*.

A partir de quatro textos que conformam discursos de tomada de posse, da esfera política, perspetiva-se, especificamente, verificar (i) como se distribuem e orquestram essas marcas no texto, (ii) como determinam o grau de implicação das instâncias produtoras femininas e (iii) quais as implicações desses mecanismos para a construção e configuração da enunciação de mulheres pioneiras no exercício de cargos de destaque, numa lógica (social) de género. Pretende-se, portanto, analisar o modo como as mulheres se representam linguisticamente, a partir de marcas linguísticas específicas – de implicação, no sentido de aferir se são (ou não) constitutivas da enunciação de mulheres.

É, pois, nesta linha que se propõe refletir, partindo da abordagem sociodiscursiva proposta por Bronckart (1999), sobre o papel que os mecanismos de implicação exercem na construção e na configuração linguística da enunciação de mulheres. As marcas linguísticas que enquadram esses mecanismos de implicação, e que possibilitam aferir se o discurso é implicado ou não, Bronckart designa de *tipos de discurso*.

2. Pressupostos teóricos

No que concerne ao enquadramento teórico, a representação das mulheres que aqui se dará conta, a partir da análise linguística de textos, enquadra-se na área da Linguística do Texto e do Discurso e orienta-se pelos pressupostos teórico-metodológicos do Interacionismo Sociodiscursivo (doravante ISD), veiculado por Bronckart (1999).

É no seio deste quadro epistemológico que as questões da implicação ganham relevo, cumprindo a linguagem um papel preponderante no desenvolvimento humano e na constituição da pessoa consciente,

ativa, participativa, tanto no que respeita à pessoa como ator do processo social, como ator no processo de produção textual. Para o tratamento das produções de linguagem, no quadro do ISD, parte-se de uma abordagem que Bronckart designa de descendente, isto é, orientada a partir das atividades sociais para as atividades de linguagem e, daí, para os textos e os seus recursos linguísticos, sublinhando, desta forma, a relação de interdependência entre as produções de linguagem e o seu contexto (social e acional). Esta abordagem assenta no pressuposto de que o uso da língua é sempre social, aceitando a interação entre as atividades de linguagem e as atividades sociais. A problemática da linguagem assume um papel central, sendo determinante na constituição da pessoa consciente e no desenvolvimento ao longo da vida, postulando que é através da linguagem que se constrói conhecimento, que se age e interage e, portanto, que se desenvolve a pessoa.

Os textos assumem, portanto, uma função praxiológica, por se centrarem na prática, na ação de um eu reflexivo e que se envolve no processo textual e representam, empiricamente, as atividades (de linguagem) em que ocorrem. A esta forma de ação através da linguagem, Bronckart designa “Agir langagier” e desenvolve o termo “língua em ação” que está, do ponto de vista do trabalho que se propõe desenvolver, associado ao fenómeno da implicação. Para introduzir este termo e o fenómeno em si, Bronckart desenvolve o conceito de *folhado textual* num dos seus modelos de análise de textos – a arquitetura textual.

2.1. A arquitetura interna dos textos: a infraestrutura

Perante a necessidade de se estudar a organização e os efeitos das práticas de linguagem, sob a forma de textos e/ou discursos, no desenvolvimento humano, o ISD postula dois modelos de análise de textos - o modelo da ação de linguagem e o modelo da arquitetura textual. O primeiro constitui o modelo de análise das condições de produção de textos (i.e. situação de ação de linguagem), composto pelo contexto físico de produção e pelo contexto sócio-subjetivo (este último corresponde ao quadro social de interação, nomeadamente ao papel social do enunciador, ao papel social da instância de produção, ao papel do destinatário, ao lugar social, à finalidade).

No que concerne ao modelo da arquitetura interna dos textos, de acordo com Bronckart, a organização do texto concebe-se como um *folhado*, constituído por três níveis sobrepostos - do mais profundo ao superficial: a infraestrutura geral do texto, os mecanismos de textualização e os mecanismos enunciativos (Bronckart, 1999). A camada mais profunda corresponde à infraestrutura e integra os instrumentos que permitem aferir o grau de implicação no texto, ou seja, a tal “língua em ação”, acima referida. Constitui-se, portanto, pelo plano de texto (que organiza o conteúdo temático), e dá conta da construção e organização interna dos textos, isto é, dos aspetos linguísticos das práticas de linguagem - os *tipos de discurso* - instrumentos que permitem descrever, compreender e interpretar os fenómenos relacionados com a implicação.

2.2. A infraestrutura: os tipos de discurso e os mecanismos de implicação

Os tipos de discurso atuam na análise da materialidade linguística dos textos, por constituírem segmentos, unidades linguísticas, infraordenadas relativamente aos textos, e consagram a ideia de “língua em ação”, ou seja, a língua posta em uso. O termo “discurso”, para o ISD, designa essa “língua em ação”, ou melhor, a atividade de linguagem, em oposição ao sistema da língua e aos textos concretos como produtos dessa atividade.

Na perspectiva teórica do ISD, os textos, como resultados das atividades humanas, implicam, na sua organização e no seu funcionamento, operações cognitivas e realizações linguísticas que dependem de escolhas. No processo do agir pela linguagem são acionadas operações do pensamento humano que mobilizam signos, organizados em textos, e que permitem a construção gnosiológica (i.e. o conhecimento). A esta organização interna dos textos, isto é, dos aspetos linguísticos das práticas de linguagem, o ISD designa de tipos de discurso.

Consequentemente, os tipos discursivos enquadram os mecanismos de implicação, reiterando a ideia de que estes mecanismos são unidades, para além de linguísticas, também elas, psicológicas, uma vez que são o resultado das escolhas (psicológicas) que fazemos, enquanto instâncias produtoras, quando usamos a língua (sublinhando, aqui e ainda, a linguagem como um processo pelo qual a pessoa se constitui consciente e ativamente). A estas opções, Bronckart denomina de mundos discursivos, que são, precisamente, esse processo de mediação pela linguagem, entre o “vivido pessoal” e o real (o mundo exterior, diga-se assim); e auxiliam, também, em determinar se as instâncias produtoras decidem implicar-se ou, pelo contrário, distanciar-se, no processo de produção textual.

Os mundos discursivos são construídos, portanto, no seguimento de duas operações no que respeita à relação que se estabelece, na produção textual, entre as coordenadas que organizam o conteúdo temático mobilizado no texto e as coordenadas do mundo ordinário/real da instância produtora (i.e. a situação de ação de linguagem):

Por um lado, no que concerne às coordenadas da situação de produção (organização espaço-temporal), essa relação pode realizar-se em:

- disjunção (ordem do Contar/Narrar - marcas que atestam para um espaço-tempo independente, ou mesmo à parte do mundo real),
- ou conjunção (ordem do Expor – marcas que mostram um espaço-tempo conjunto ao da interação social).

Por outro lado, de acordo com uma organização atorial (face à ação da linguagem), as instâncias de agentividade verbalizadas são colocadas em:

- relação com o agente produtor e a sua situação de produção (Implicação – presença de marcas no texto que remetem para a instância produtora),
- ou elas não o são (Autonomia – ausência de marcas que assinalam a implicação da instância produtora).

Na ocorrência, co-ocorrência ou cruzamento dos segmentos linguísticos, isto é, dos tipos de discurso, a saber: Discurso Interativo, Discurso Teórico, Relato Interativo e Narração; produzir-se-ão, conseqüente e respetivamente, quatro atitudes de ilocução ou mundos discursivos – EXPOR implicado, EXPOR autónomo, NARRAR implicado, NARRAR autónomo. No quadro abaixo, Bronckart (2008, 71) sintetiza as relações dos tipos de discurso¹:

		Organização temporal	
		Conjunção - Ordem do EXPOR	Disjunção - Ordem do CONTAR
Organização atorial	Implicação	<i>Discurso interativo</i>	<i>Relato interativo</i>
	Autonomia	<i>Discurso teórico</i>	<i>Narração</i>

Tabela 1: Relações dos tipos discursivos

3. Metodologia

Para analisar a configuração linguística da enunciação de mulheres em posição de destaque, selecionaram-se quatro textos que têm em comum um critério pertinente para o que se pretende evidenciar - conformam textos de mulheres pioneiras na ocupação de determinados cargos sociais de destaque, em Portugal, e serão, doravante, referenciados da seguinte forma:

¹ Bronckart (1999, 2008) assume, ainda, que no eixo do EXPOR há a possibilidade de um tipo de discurso misto - o Discurso Interativo-teórico - que envolve características tanto do Discurso Interativo quanto do Discurso Teórico.

	Texto A	Texto B	Texto C	Texto D
Cargo/posição	Primeira-ministra	Presidente da Assembleia da República	Reitora da Universidade Católica	Presidente da Fundação Calouste Gulbenkian
Instância produtora	Maria de Lourdes Pintasilgo	Assunção Esteves	Maria da Glória Garcia	Isabel Mota
Tempo	1979	2011	2012	2017
Gênero de texto	Discurso de tomada de posse			
Âmbito social	Político		Académico/político	Cultural
Suporte	Internet			

Tabela 2: Corpus de análise (Fonte: elaborada pela autora)

Quanto ao contexto de produção, os textos² apresentam as seguintes características:

Texto A – o texto é da autoria de Maria de Lourdes Pintasilgo, mulher pioneira na ocupação do cargo de primeira-ministra. Assume-se como um texto da esfera política, sob a forma de apresentação do Programa do V Governo Constitucional no contexto de tomada de posse, datado de 13 de agosto de 1979. Foi proferido na Assembleia da República com a finalidade de apresentar o seu Programa de Governo, as motivações e os objetivos do compromisso assumido.

Texto B³ – o texto é da autoria de Assunção Esteves, mulher pioneira na ocupação do cargo de presidente da Assembleia da República, na XII Legislatura, em junho de 2011. Comporta um discurso (da esfera política) de tomada de posse da presidência, dando conta das suas intenções, objetivos, pressupostos e agradecimentos no seio desse projeto. O discurso foi proferido em 21 de junho de 2011, no palácio de S. Bento.

Texto C – o texto é da autoria de Maria da Glória Garcia, mulher pioneira na ocupação da posição de reitora da Universidade Católica, em 2012. O texto insere-se na esfera académica e, enquanto discurso de tomada de posse, apresenta as suas ambições, projetos e intenções no seio do novo cargo. O discurso foi proferido a 18 de outubro de 2012 e a versão consultada, em papel, data de janeiro de 2012.

Texto D – o texto é da autoria de Isabel Mota, mulher pioneira na ocupação da posição de presidente da Fundação Calouste Gulbenkian, em 2017 (e na atualidade). Tal como os outros, configura, quanto ao género de texto, um discurso de tomada de posse, porém da esfera cultural, onde expõe as suas motivações, intenções e pressupostos de atuação. É datado de 03 de maio de 2017.

Os textos pertencem ao mesmo género - discursos de tomada de posse - com traços diferenciadores ao nível temporal (textos A e B) e ao nível do âmbito social (textos C e D).

Para o estudo/tratamento dos textos, optou-se por uma abordagem/análise qualitativa, privilegiando o aporte concetual e, por conseguinte, instrumental, precisamente por possibilitar o uso de instrumentos/ferramentas sólidas para o trabalho interpretativo, na análise de textos, dando atenção, por um lado às generalizações e, por outro, ao que constitui exceção, permitindo mostrar as (ir)regularidades que advêm da análise dos dados, no sentido de as compreender, explicar ou prever.

² Para consulta integral dos textos cf. as referências bibliográficas dos textos analisados e respetivos links de acesso (ponto 7 do presente artigo).

No sentido de analisar o modo como as instâncias produtoras femininas se representam, pretende-se aferir que marcas de implicação atuam nessa representação e, conseqüentemente, que tipos de discurso são mobilizados. Para verificar em que medida a configuração (linguística) das mulheres em posição de destaque se traduz num discurso implicado (ou não), analisaram-se diferentes mecanismos de implicação das instâncias produtoras no processo de produção textual.

Os modos como a instância produtora se implica (ou não) são atestados por marcas como a presença e/ou ausência :

- de monólogos/diálogos (e turnos de fala), orais ou escritos;
- de unidades que remetem à interação verbal (deixis pessoal);
- de outros fenômenos de ancoragem situacional (deixis);
- de pronome indefinido “on” (“se”) (com/sem valor exofórico);
- de anáforas (nominais, pronominais);
- de frases não declarativas;
- de mecanismos de organização temporal: exploração do subsistema de verbos do plano do discurso ou da história (com/sem valor deítico);
- de processos de modalização autonímica;
- de auxiliares de modo;
- de modalizações;
- de organizadores com valor lógico-argumentativo;
- de organizadores temporais;
- de densidade verbal e sintagmática (elevada/baixa);
- entre outras.

Estes mecanismos de implicação permitem, ainda, aferir quanto à organização temporal e à agentividade:

→ se são mobilizados tipos de discurso da ordem do Expor (Discurso Interativo e/ou Discurso Teórico) ou do Contar/Narrar (Relato Interativo e/ou Narração);

→ se a instância produtora se implica (Discurso Interativo e/ou Relato Interativo) ou não (Discurso Teórico e/ou Narração);

→ e, ainda, que grau de implicação assumem (implicação forte/atestada, atenuada, enfraquecida, ou nula).

A partir destas ferramentas linguísticas pretende-se, portanto, seguidamente, através das análises que se apresentam, (tentar) responder à questão que se coloca: as mulheres têm tendência a um discurso implicado ou, pelo contrário, apagam-se enquanto agente produtor?

4. Análise exploratória dos textos

Para responder à questão colocada, estabeleceram-se critérios de análise que constituem as marcas de implicação que permitem aferir se a enunciação de mulheres em posição de destaque é, tendencialmente, implicada (ou não); e que se apresentam na seguinte tabela:

Critérios de análise	
Unidades com valor deítico que remetem à interação verbal	<i>Pessoal</i> (nomes próprios, pronomes, entre outros) <i>Temporal-Espacial</i> (não verbal: advérbios, adjetivos, entre outros)
Exploração do subsistema de verbos do plano do discurso (com valor deítico pessoal e temporal)	
Modalização autonímica	<i>Descobrimento enunciativo</i> (recurso a pontuação polifônica (“?”; 0, -)) <i>Marcas de modulação</i> (?, !, ...)
Auxiliares de modo (poder, dever, querer, ser preciso, entre outros)	
Anáforas (retomadas anafóricas: nominais, pronominais, entre outras)	
Frases não declarativas (interrogativas, exclamativas e imperativas)	
Densidade verbal	
Densidade sintagmática	

Tabela 3: Critérios de análise (Fonte: elaborada pela autora)

Das análises encetadas (cf. Anexos 1 e 2), observou-se que as regularidades encontradas, os modos de representação das instâncias produtoras femininas são idênticos em todos os textos analisados, de tal forma constitutivos e representativos de uma configuração linguística, que se adianta, desde já, parecer própria da instância produtora feminina. São essas recorrências marcas de implicação mobilizadas em segmentos de Discurso Interativo (doravante DI) e que traduzem um forte envolvimento da instância produtora feminina do processo de produção textual.

Assim, de forma geral, admite-se que a maior parte da enunciação das autoras visadas tece-se a partir de relações de implicação e conjunção. Essa transversalidade faz prevalecer os segmentos de DI, pelo que se pode dizer que as mulheres se representam num mundo do Expor, numa relação de conjunção e implicação. Na ordem do Expor, as relações que se estabelecem no DI caracterizam-se pela conjunção entre as coordenadas que organizam o conteúdo temático e as da ação de linguagem; e a relação de implicação que se estabelece entre as instâncias de agentividade e os parâmetros da ação de linguagem. Nesse sentido, relevam dos textos características que marcam a presença da instância produtora e, também, que indicam o momento de produção, mostrando, assim, o mundo discursivo semiotizado e ativado por essas escolhas: o “expor implicado”.

Em todos os textos a instância produtora representa-se com distintos graus/modos de implicação: a implicação é forte nos momentos em que o eu assume o estatuto de ator no processo de produção textual, sob a forma de 1ªPS. Por outro lado, o grau de implicação é enfraquecido quando a instância de produção se assume como parte de um coletivo, sob a forma de 1ªpPL com valor deítico dilatado, representando diferentes papéis sociais adaptados às circunstâncias de produção.

Apesar dos distintos graus de implicação, a instância de produção representa-se linguisticamente por intermédio de segmentos de DI, recorrendo a unidades que atestam a implicação do “eu” e em situação de interação com o momento de produção, com forte grau de contextualização, em que o discurso e as suas dimensões temáticas se situam no encaixe imediato do da instância de produção, posicionando-se esta no

discurso de forma pessoal e implicada.

Esta relação é atestada pela presença de unidades com valor deítico que remetem à interação verbal; de frases não declarativas; de processos de modalização autonímica; de pontuação polifônica e modulações com valor de implicação; de auxiliares de modo; e de formas verbais do plano do discurso com valor exofórico, sobretudo nas formas de Presente do Indicativo e do Pretérito Perfeito, marcando a equivalência entre a instância emissora do texto e o autor dos processos evocados, quer na forma de pronome pessoal deítico “eu” (implicação atestada/forte); quer sob a forma de 1ªpPL, representando uma instância coletiva/grupo social, que a própria instância produtora também integra (a implicação surge aqui enfraquecida por se diluir numa identidade plural, geral, marcando a implicação da instância produtora, mas no seio de uma ação comum).

Algumas marcas de discurso teórico (doravante DT), ou seja sem implicação da instância produtora, surgem pontualmente e relativamente a questões formais que emanam do contexto de produção. Neste caso, as relações que se estabelecem, ainda que de conjunção, apresentam uma relação de autonomia, isto é, a relação entre as instâncias de agentividade e os parâmetros da ação de linguagem não é explicitada. Apresenta-se abaixo, alguns exemplos de marcas linguísticas presentes nos textos, e que assinalam o DT:

- i) a ausência de unidades (deíticas) que remetam aos interactantes (instância produtora) ou ao espaço-tempo da produção (Ex.: pronome indefinido “on” (“se”), sem valor deítico); de formas verbais com valor exofórico; de processos de modalização autonímica; e de frases não declarativas:

(1) a) Texto A: “O Governo insere-se numa prática e numa (...)”.

b) Texto B: “(...) o Parlamento se constrói sobre o discurso (...)”.

c) Texto C: “Trata-se de uma aprendizagem que demanda aprofundamento (...)”.

d) Texto D: “(...) a Fundação encontra-se numa posição de vantagem.”;

- ii) a presença de:

- organizadores com valor lógico-argumentativo:

(2) a) Texto A: “Assim, o que para o Poder (...). / Primeiro, porque tal período (...)”.

b) Texto B: “Porque o Parlamento é (...). Porque (...). E porque (...)”.

c) Texto C: “Ora o local de aprendizagem é a escola.” / “De facto, são cada vez mais (...)”.

d) Texto D: “É também um estímulo (...)”;

- formas verbais do plano do discurso (Benveniste) do presente com valor genérico, sem valor deítico:

(3) a) Texto A: “Este clima de liberdade pessoal e de grupo é condição (...)”.

b) Texto B: “O mundo vive uma revolução (...)”.

c) Texto C: “O maior problema reside em não se dispor (...)”.

d) Texto D: “(...) a integração nas principais redes de fundações (...) é uma mais-valia (...)”.

5. Considerações finais

Reiterando o que se concluiu das análises, parece poder afirmar-se que a configuração linguística da enunciação da instância produtora feminina se processa sob duas estratégias – uma em que o discurso é mais implicado e noutra em que essa implicação é atenuada. O grau de implicação parece dever-se à responsabilidade que a instância produtora confere à sua conduta, marcando a sua ação, enquanto singular, de forma mais implicada e enfraquecendo essa conduta quando a pluraliza, integrando-se numa voz coletiva. Em ambas as estratégias discursivas, porém, essa representação é compreendida em segmentos de DI, reforçando o processo de implicação do eu, quer de forma atestada ou atenuada, responsabilizando-se pelos seus atos/atitudes/conduitas/ações, e exercendo, dessa forma, uma maior influência no texto. Em suma, admite-se que as mulheres, enquanto agente de produção, tendem a um discurso implicado, no entanto o grau de implicação varia consoante o tipo de influência e responsabilidade que assumem na (representação da) sua conduta.

Esta análise constituiu uma abordagem exploratória de um projeto em desenvolvimento. Não obstante, as conclusões provisórias são significativas: com efeito, tendo sido atestados diferentes posicionamentos enunciativos, o facto de se observarem valores altos, relativamente às formas de implicação, faz prever a possibilidade de se confirmar a forte e atestada implicação da instância produtora feminina no texto, colaborando para (re)pensar e equacionar modos de pensar e agir no que concerne aos estudos da linguagem e das mulheres.

Para além de configurar um primeiro exercício, a rever e consolidar, contribuiu, ainda, para a decisão de integrar um estudo comparativo com (a análise de) textos de autoria masculina nas mesmas circunstâncias que as instâncias produtoras femininas, que permita atestar se as (ir)regularidades nos textos de mulheres são constitutivas de uma configuração linguística própria da instância produtora feminina; e se, de alguma forma, o modo de se representarem/o seu discurso está relacionado com as questões (sociais) de género.

6. Referências bibliográficas

- Bernardo, Fernanda. 2010. “Femininografia’s: Pensar-Habitar-Escrever o mundo no feminino”. In Magalhães, Maria José; Tavares, Manuela; Coelho, Salomé; Góis, Manuela; Seixas, Elisa (Coord.), *Quem tem medo dos feminismos?*. Congresso feminista 2008 – Actas, vol. II, Funchal: Nova Delphi, pp. 213-229.
- Bronckart, Jean-Paul. 2008. “Genre de textes, types de discours et “degrés” de langue”. *Texto!*, vol. XIII, nº 1, pp. 1-95. Disponível em: <http://www.revue-texto.net/index.php?id=86>. Acesso em 09 de abril de 2018.
- Bronckart, Jean-Paul. 2006. *Atividade de linguagem, discurso e desenvolvimento humano*. Campinas/São Paulo: Mercado das Letras.
- Bronckart, Jean-Paul. 1999. *Atividade de linguagem, textos e discursos. Por um interacionismo sócio-discursivo*. Trad. Anna Rachel Machado e Péricles Cunha. São Paulo: EDUC.
- Bulea, Ecaterina; Bronckart, Jean-Paul. 2008. “As potencialidades praxiológicas e epistêmicas dos (tipos de) discursos”. *SCRIPTA*, Belo Horizonte, v. 12, nº 22, 1º sem. 2008, pp. 42-83.
- Collin, Françoise. 1981. “Béatrice Didier, *L’écriture-femme*, PUF”. *Les Bulletins du GRIF*, nº5, pp. 17-18, Université des femmes. Disponível em: http://www.persee.fr/doc/grif_0770-6138_1981_num_5_1_2300_t1_0017_0000_2. Acesso em 09 de abril de 2018.
- Coutinho, Maria Antónia. 2014. “Language in Action: Epistemological and Methodological Issues”. In *From Language to Discourse*, ed. Clara Nunes Correia (Coord.), Camile Tanto, Larysa Shotropa, Lúcia Cunha & Noémia Jorge, Cambridge Scholars Publishing, pp. 224-235.
- Coutinho, Maria Antónia. 2006. “O texto como objecto empírico: consequências e desafios para a linguística”. *Veredas*, 10 (1-2), pp- 1-13. Disponível em: <http://www.ufjf.br/revistaveredas/files/2009/12/artigo076.pdf>. Acesso em 07 de junho de 2017.
- Nogueira, Maria da Conceição de Oliveira Carvalho (2006). “O discurso das mulheres em posição de poder”. *Cadernos de Psicologia Social do Trabalho*, vol. 9, n. 2, pp. 57-72.
- Pintasilgo, Maria de Lourdes. 1988. “Notes diverses jointes à un article rédigé en portugais sur les femmes”. Centro de documentação e de publicações da Fundação *Cuidar o Futuro*, Pasta 0262.002. Disponível em: <http://www.arquivopintasilgo.pt/arquivopintasilgo/Documentos/0262.002.pdf>. Acedido em 09 de abril de 2018.
- Pintasilgo, Maria de Lourdes. 1981. *Os novos feminismos: interrogação para os cristãos?*. Lisboa: Moraes Editores.
- Tavares, Manuela. 2011. *Feminismos: percursos e desafios (1947-2007)*. Lisboa: Texto Editores.

7. Referências bibliográficas dos textos analisados

- Esteves, Assunção. 2011. “Discurso de tomada de posse de S. Exa a Presidente da Assembleia da República na XII Legislatura”. Lisboa: Palácio de São Bento, 21 de junho de 2011. Disponível em: http://app.parlamento.pt/webutils/docs/doc.pdf?path=6148523063446f764c324679626d-56304c334e706447567a4c31684a5355786c5a79394851554a5151564976523046435545465351584a7864576c326279394462323131626d6c6a59575276637955794d47556c4d6a424a626e526c636e5a6c62734f-6e7737566c637938794d4445784c5441324c5449785830527063324e31636e4e765a475655623231685a4746-6b5a56427663334e6c5a474651636d567a6157526c626e526c5a47464263334e6c62574a735a-576c685a4746535a584231596d7870593245756347526d&fich=2011-06-21_DiscursodeTomadadePossedaPresidentedaAssembleiadaRepublica.pdf&Inline=true. Acesso em 08 de setembro de 2018.
- Garcia, Maria da Glória. 2012. “Discurso de Posse da Magnífica Reitora da Universidade Católica Portuguesa”. *Gaudium Sciendi*, n. 3, janeiro de 2012. Disponível em: http://www2.ucp.pt/resources/Documentos/SCUCP/GaudiumSciendi/GaudiumSciendi_N3/N3_ParteI_Discurso%20Reitora%20Mar%C3%A7o.pdf. Acesso em 08 de setembro de 2018.
- Mota, Isabel. 2017. “Discurso de tomada de posse”. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, Gabinete do Presidente, 03 de maio de 2017. Disponível em: https://content.gulbenkian.pt/wp-content/uploads/2017/05/29151927/2017_Discursodetomadaposse_vfinal.pdf. Acesso em 08 de setembro de 2018.
- Pintasilgo, Maria de Lourdes. 1979. “Discurso de Maria de Lourdes Pintasilgo”. Discurso de apresentação do Programa de Governo pela Primeira-Ministra do 5.º Governo Constitucional, 13 de agosto de 1979. Disponível em: <http://www.arqnet.pt/portal/discursos/agosto07.html>. Acesso em 08 de setembro de 2018.

Tabela 4 – Análise dos textos A e B

			<i>Texto A</i>	<i>Texto B</i>
Unidades com valor deíctico que remetem à interação verbal	Pessoal (nomes próprios, pronomes, entre outras)	1ª PS	a) “Faço-o na plena convicção de que me é concedido um privilégio (...)”.	a) “Dedico este meu momento de alegria a todas as mulheres”.
		1ª pPL (valor dilatado)	b) “(...) somos a maior riqueza que ele possui”.	b) “Nós (...) somos portadores de um mandato (...)”.
Temporal-Espacial (não verbal)			c) “Eis-me perante a Assembleia da República (...)”.	c) “Não estamos sós, aqui!”
			d) “(...) é exigida ao Governo durante o debate que hoje iniciamos”.	d) “Somos hoje (...)”.
Exploração do subsistema de verbos do plano do discurso, em particular o PRES IND e o P PER (com valor deíctico)			e) “Eis-me / faço-o / o Governo a que presido / tenho a honra / acabo de anunciar / julgo (...)”	e) “Constitui / é / somos (...)”.
			f) “Ao expor (...) deixei claras (...)”.	f) “Fomos / percorri (...)”.
Modalização autonímica	Desdobramento enunciativo (recurso a pontuação polifônica: “”, (), -)		g) “(...) o Governo a que presido, embora constitucional, surge marcado pela “transição””.	g) “Formas alargadas (...) – como a União Europeia – emergem (...)”.
			h) “(...) de que uma clara transparência – que o mesmo é dizer rigor e profundidade (...) - é exigida ao Governo (...)”	h) “Mesmo contra “os velhos do Restelo”, o mundo (...)”.
		Marcas de modulação (?, !, ...)	i) “Que outros factores não houvera e já este era (...) a total isenção do Governo!”	i) “Que orgulho (...) e que responsabilidade que é estarmos aqui!”.
Auxiliares de modo (poder, dever, querer, ser preciso, entre outros)			j) “(...) é-me particularmente grato poder (...)”.	j) “(...) devemos ser co-autores de corpo inteiro (...), devemos lutar (...)”.
Anáforas (retomadas anafóricas: nominais, pronominais, entre outras)			k) “Era minha intenção ter completado o Programa (...) para mim mesma, apelidei (...). Não o fiz por escrito, mas faço-o agora”.	k) “Vivemos um tempo (...). Mas é um tempo que nos (...)”.
Frasas não declarativas (interrogativas, exclamativas e imperativas)			l) “(...) a total isenção do Governo!”	l) “Presidir ao Parlamento constitui a maior honra da minha vida!”
			Densidade verbal elevada	
			Densidade sintagmática baixa	

(Fonte: elaborada pela autora)

Tabela 5 – Análise dos textos C e D

			<i>Texto A</i>	<i>Texto B</i>
Unidades com valor deíctico que remetem à interação verbal	Pessoal (nomes próprios, pronomes, entre outras)	1ª PS	a) “Faço-o na plena convicção de que me é concedido um privilégio (...)”.	a) “Dedico este meu momento de alegria a todas as mulheres”.
		1ª pPL (valor dilatado)	b) “(...) somos a maior riqueza que ele possui”.	b) “Nós (...) somos portadores de um mandato (...)”.
Temporal-Espacial (não verbal)			c) “Eis-me perante a Assembleia da República (...)”.	c) “Não estamos sós, aqui!”
			d) “(...) é exigida ao Governo durante o debate que hoje iniciamos”.	d) “Somos hoje (...)”.
Exploração do subsistema de verbos do plano do discurso, em particular o PRES IND e o P PER (com valor deíctico)			e) “Eis-me / faço-o / o Governo a que presido / tenho a honra / acabo de anunciar / julgo (...)”	e) “Constitui / é / somos (...)”.
			f) “Ao expor (...) deixei claras (...)”.	f) “Fomos / percorri (...)”.
Modalização autonímica	Desdobramento enunciativo (recurso a pontuação polifônica: “”, (), -)		g) “(...) o Governo a que presido, embora constitucional, surge marcado pela “transição””.	g) “Formas alargadas (...) – como a União Europeia – emergem (...)”.
			h) “(...) de que uma clara transparência – que o mesmo é dizer rigor e profundidade (...) - é exigida ao Governo (...)”	h) “Mesmo contra “os velhos do Restelo”, o mundo (...)”.
		Marcas de modulação (?, !, ...)	i) “Que outros factores não houvera e já este era (...) a total isenção do Governo!”	i) “Que orgulho (...) e que responsabilidade que é estarmos aqui!”.
Auxiliares de modo (poder, dever, querer, ser preciso, entre outros)			j) “(...) é-me particularmente grato poder (...)”.	j) “(...) devemos ser co-autores de corpo inteiro (...), devemos lutar (...)”.
Anáforas (retomadas anafóricas: nominais, pronominais, entre outras)			k) “Era minha intenção ter completado o Programa (...) para mim mesma, apelidei (...). Não o fiz por escrito, mas faço-o agora”.	k) “Vivemos um tempo (...). Mas é um tempo que nos (...)”.
Frasas não declarativas (interrogativas, exclamativas e imperativas)			l) “(...) a total isenção do Governo!”	l) “Presidir ao Parlamento constitui a maior honra da minha vida!”
			Densidade verbal elevada	
			Densidade sintagmática baixa	

(Fonte: elaborada pela autora)